

A Universidade de Salamanca e o Norte de Portugal, nos séculos XV-XVII

José Marques
Universidade do Porto

1. Introdução

No quadro das relações entre Portugal e Castela, no período medieval, e entre Portugal e *Espanha*, a partir do século XVI, embora os aspectos culturais não sejam desconhecidos, os historiadores portugueses têm fixado a sua atenção, especialmente, nos aspectos políticos, militares, económicos e sociais que, não obstante a sua importância individual, pouca repercussão têm quanto ao tema que nos preocupa, neste momento.

Convém, no entanto, observar que as relações da Universidade de Salamanca com Portugal são bastante bem conhecidas, a partir do século XVI, através da valorização da presença de professores salmantinos ou salmanticenses que leccionaram em Coimbra, quer se trate de mestres espanhóis contratados para ensinarem na cidade do Mondego, quer fossem portugueses formados e com *curriculum* docente na Universidade de Salamanca, posteriormente, transferidos para a Universidade portuguesa, definitivamente sediada em Coimbra.

Além destas formas de ligação directa entre Portugal e Salamanca, não será ousado pensar na relação que a Universidade do Tormes criou indirectamente com o público e a cultura portugueses, isto é, mediante as obras de autores castelhanos e espanhóis, mestres em exercício nesta Universidade e dos seus antigos alunos, lidos em Portugal, nos originais latinos ou castelhanos, por uma elite culta, imbuída no espírito do Renascimento, ou traduzidos para vernáculo e intensamente difundidos não só nos meios eruditos, mas também entre a população menos culta, sequiosa de uma formação mais sólida, concretamente nos planos religioso, espiritual e litúrgico, como a própria bibliografia religiosa permite concluir.

Saindo um pouco da Universidade, antes de prosseguirmos, mas ainda dentro do contexto cultural e dos meios difusores da cultura, em diversos níveis e com características especiais, convirá não esquecermos a importância das tipografias salmantinas ao serviço de numerosas edições, com larga difusão em Portugal, merecendo relevo particular a impressão de livros de espiritualidade e

liturgia, podendo servir de exemplos a *Mystica Teologia, na qual se mostra o verdadeiro caminho pera o céu*, de Frei Sebastião Toscano – um dos célebres eremitas de Santo Agostinho que se formou em Salamanca, Lisboa, 1568 –, o *Marial de la Santissima Virgen Nuestra Señora, em que se contienen muchas consideraciones de grande spiritu, y puntos delicatissimos de la divina Scriptura, de mucha erudicion y provecho, assi para Predicadores, como para los demas estados de personas Ecclesiasticas y seculares...*, tendo no fim um *tratado da Paixão de Cristo nosso Redentor e da Soledade de Nossa Senhora*¹, da autoria de Frei Filipe Dias, impresso em Salamanca, em 1598, na oficina de Juan Fernandes; o *Missale secundum ritum et consuetudinem alme Bracharensis ecclesie* Salamanca, 1512, por João de Porres², sendo um dos exemplares da Biblioteca Nacional de Lisboa, Res. 151-V, impresso em pergaminho e profusamente ilustrado com gravuras, alusivas aos textos bíblicos que acompanham; e ainda o *Manuale secundum consuetudinem alme Bracharensis ecclesie*, Salamanca, 1538, in aedibus Joannis Junte Calcographi, para a Arquidiocese de Braga³.

Regressando à essência do tema desta exposição, impõe-se repetir que não se trata de assunto desconhecido na investigação de autores portugueses e espanhóis. Apesar disso, temos de acrescentar que, embora entre os portugueses não sejam muitos os que dele se têm ocupado, alguns dos estudos produzidos, não sendo excessivamente extensos, revelaram aspectos extremamente curiosos, relativos à presença de estudantes portugueses nesta antiga e prestigiada Universidade, tendo alguns participado activamente na gestão da vida universitária, chegando aos altos cargos da sua vida administrativa⁴.

Neste momento, vem a propósito anotar que a presença de portugueses no Estudo Geral ou Universidade de Salamanca se documenta já nos seus primórdios, no remoto ano de 1242, prosseguindo ao longo da Idade Média, e aumentando de forma, quase diríamos, extraordinária, no período especificado no título dos séculos XV-XVII, como oportunamente se documentará.

É certo que os investigadores mais abaixo referenciados recolheram nos estudos, de que nos vamos socorrer, o maior número possível de informações sobre a presença de portugueses no Estudo salmantino. Não deixaremos de a eles aludir, para se ter uma visão de conjunto sobre a procedência geográfica destes escolares e, assim, podermos verificar, por um lado, até onde chegou o poder de atracção desta Universidade e, por outro, a sua poliforme influência, veiculado pelos estudantes que de lá regressavam, mesmo que, em alguns ou mesmo em muitos casos, não chegassem a concluir os cursos com que haviam sonhado.

Restringindo a área geográfica e os limites cronológicos à dimensões patentes no título escolhido, não queremos nem podemos ignorar o relacionamento das outras regiões portuguesas com a Universidade de Salamanca, mas antes criar condições para salientar a intensidade das relações estabelecidas entre a vasta região a Norte do Douro ou, se preferirmos, na designação medieval, entre o *Além Douro*, que incluía as duas grandes regiões do Entre Douro e Minho e de Trás-os-Montes, e a referida Universidade salmantina, que se contava entre as quatro maiores da Europa, com as de Paris, Bolonha e Oxford.

Aprofundando a relação desta região nortenha com esta Universidade castelhana, poderemos captar melhor quanto lhe devemos numa perspectiva cultural, através dos estudantes nortenhos que

1. José MARQUES, «Bibliografia mariana portuguesa do século XVI», separata da revista *Theológica*, vol. XX, fasc. I-IV de 1985 (Braga, 1987), 32, n.º 68.

2. José MARQUES, «Bibliografia mariana...», 46, n.º 138.

3. José MARQUES, «Bibliografia mariana...», 45, n.º 134.

4. Pensamos nas obras de Joaquim Veríssimo Serrão, Armando de Jesus Marques e outros, que, mais, à frente, citaremos.

lá estudaram e, sobretudo, quanto as gentes nordurienses beneficiaram da sua influência, exercida pelos que se graduaram em Teologia, Direito Canónico e em Leis, isto é, em Direito Civil, em Artes, Gramática e Medicina, bem como da experiência alcançada nestas ciências e noutros ramos do saber.

Do exposto, é fácil concluir que esta breve comunicação se desenvolverá em duas partes diferentes e, parcialmente, complementares:

- na primeira, dar-se-á uma visão geral dos estudantes portugueses no Estudo salmantino, durante a Idade Média e até meados do século XVI;
- na segunda, concretizar-se-á a essência do tema condensado no título indicado, incidindo, de modo particular, no período de 1550 até 1640.

2. Portugueses no estudo de Salamanca, até 1550

O conhecimento que actualmente temos dos estudantes portugueses que frequentaram a Universidade de Salamanca, até meados do século XVI, deve-se, essencialmente, aos estudos de Joaquim Veríssimo Serrão⁵ e de Armando de Jesus Marques, recentemente falecido, que fez do estudo dos portugueses na Universidade de Salamanca e da obra de um dos que entre eles mais sobressaíram – Frei Sebastião Toscano – a área mais privilegiada da sua minuciosa investigação⁶.

Não poderemos acompanhar em pormenor o crescente afluxo de portugueses ao Estudo de Salamanca, quer se trate de leigos, clérigos de qualquer grau de ordens e presbíteros, quer dos religiosos que se hospedavam nos mosteiros das Ordens a que pertenciam, sem esquecermos os que lá professavam nos diversos mosteiros e conventos, nem os clérigos seculares que passaram a beneficiar de alguma conezia na Sé ou de outros benefícios. Mas em jeito de afirmação dos portugueses neste Estudo e nesta cidade castelhana e da acção e influência posteriormente por eles desenvolvidas, fixaremos a nossa atenção em alguns dos mais importantes, de que muitos ignoram a sua formação salmantina.

Note-se que, apesar da valorização da presença de estudantes portugueses na Universidade de Salamanca, sem dúvida numerosa, não esquecemos que, desde muito cedo, os estudantes portugueses continuaram a dirigir-se a outras universidades europeias Toulouse, Montpellier, Poitiers, Bordéus, Paris, Bruges, Avignon, Bolonha, Pádua, Sena, Roma, etc., como bem ilustram os estudos de Luís de Matos e Veríssimo Serrão e os documentos dispersos no *Chartularium Universitatis Portugalensis*, relativos à presença de portugueses nas universidades europeias de Salamanca, Paris, Bolonha, Sena, Florença, Roma, etc.

Assim, embora não se tenha acertado ainda a que título se encontrava em Salamanca, não deixa de ser importante registar que nos *Estatutos* dados pelo rei de Leão, D. Fernando, pai de Afonso X, o *Sábio*, ao Estudo de Salamanca, em 1242, que alguns interpretam como sendo a carta de fundação da Universidade, dado que, a certo passo, afirma: «... otorgo e mando que aya escuelas en Salamanca...», terá de ser melhor esclarecido, pois acrescenta que confirma a mestres e alunos

5. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca. I. (1250-1550)*, Lisboa 1962.

6. Armando de Jesus MARQUES, «Portugueses nos “Claustros” salmantinos do século XV». Separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XIX, fasc. 2 (1963), 24 p. Idem, *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação de escolares lusos no governo do Estudo. (1503-1512)*, Salamanca, 1980, 369 p. Idem, «A “Mystica Theologia” de Frei Sebastião Toscano». Separata de *Humanística e Teologia*, tomo X, fasc. 1 (s. d.), 30 p. Em colaboração: Florencio Marcos RODRIGUEZ – Armando de Jesus MARQUES, «Um cisma de reitores na Universidade de Salamanca em fins do século X», *Lusitânia Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica*, tomo VII (1964/66), 61-95.

«aquellas costumbres e aquellos fueros que ovieron los escolares en Salamanca en tiempo de myo padre...»⁷, já aí figura Miguel Pires, expressamente dito cónego de Lamego. Embora haja quem afirme que estaria aí como catedrático deste jovem Estudo, falta saber se este se identifica com o Miguel Pires que, em 1243, estava nesta cidade universitária como um dos juizes incumbidos de dirimirem as questões surgidas entre os escolares e a população da cidade⁸.

Em contraste com estas dúvidas, sabe-se que na década de 1250-1260, estudou em Salamanca D. Sancho Peres (ou Pires) Pereira, que anteriormente havia frequentado o Estudo de Valladolid, como ele próprio revelou no seu testamento, incumbindo os testamenteiros de inquirirem quanto devia em Valladolid, desde os tempos em que lá tinha estudado, a fim de saldarem a dívida em causa⁹. Entre outros cargos e funções, de 1296 a 1300, foi bispo do Porto e participou na tratado de Alcanices, tendo falecido neste último ano¹⁰. Pelo testamento publicado no *Censual do Cabido do Porto*, p. 533, podemos ver como distribuiu a sua riqueza e as altas funções exercidas por este antigo aluno dos Estudos de Salamanca.

Anos depois, entre 1314 e 1320, frequentou estes mesmos Estudos Gonçalo Pereira, altura em que teve de D. Teresa Pires Vilarinha o filho D. Álvaro Gonçalves Pereira, que viria a ser Prior da Ordem do Hospital e pai de D. Nuno Álvares Pereira. Primo de D. Sancho Pires Pereira, recebeu, em acumulação, o priorado de S. Vicente da Beira, o da igreja de S. Nicolau da Feira e o deado da Sé do Porto, o governo da diocese de Braga, para a qual foi eleito arcebispo, em 27 de Fevereiro de 1326. Aí exerceu uma extraordinária acção pastoral, tendo enfrentado D. Afonso IV, na defesa do senhorio de Braga, durante a fase das inquirições às jurisdições senhoriais, tendo-se congado ambos por ocasião da preparação da campanha do Salado, em que o Arcebispo também participou, vindo a falecer em Dezembro de 1348¹¹.

Entre os múltiplos aspectos do seu longo governo pastoral (1326-1348)¹², convém salientar o combate ao absentismo do clero, a realização de vários sínodos, sendo o de 1333, deveras importante¹³. A presença de Gonçalo Pereira em Salamanca é compreensível, dado que o Estudo Geral de Lisboa, fundado por D. Dinis em 1290, na sua primeira fase, além de não se ter afirmado convenientemente, passou, mesmo, por uma grave crise que levou o monarca seu fundador a transferi-lo para Coimbra, em 1308, não tendo sido fácil a sua recuperação¹⁴. Continuaram, por isso, os portugueses a demandar as universidades de Salamanca¹⁵, Alcalá de Henares, Paris¹⁶, Toulouse¹⁷,

7. Joaquim Veríssimo SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 20.

8. *Ibidem*, 21.

9. *Item mandamus quod sciatur veritas de illo quod debemus vallis oleti quando ibi fuimus in studio, videlicet, de pensione domorum et solvatur totum*. (Cf. *Censual do Cabido da Sé do Porto*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1924, 440).

10. José Augusto FERREIRA (Cónego), *Memorias archeologico-historicas da cidade do Porto. Fastos episcopais e políticos. Sec. VI-Sec. XX*, tomo I, Braga, Cruz e Comp.^a, 1923, 276-283.

11. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 37-39. Monsenhor José Augusto FERREIRA, *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga. (sec. III-sec. XX)*, tomo II, Braga, Mitra Bracarense, 1930, 150-151.

12. Mons. J. A. FERREIRA, *Fastos Archiepiscopais da igreja metropolitana de Braga (sec III-sec. XX)*, 130-131.

13. Cf. *Synodicom hispanum. II. Portugal* (dirigido por António Garcia y Garcia), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, 47-53.

14. José MARQUES, «Os corpos académicos e os servidores», em *História da Universidade em Portugal*, I volume, tomo I (1290-1536), cap. III, Lisboa, Universidade de Coimbra – Fundação Calouste Gulbenkian, 1997, 73-75.

15. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, cit..

16. António Domingues de Sousa COSTA, «Mestre Afonso Dias, médico de D. Afonso IV, professor na Universidade de Paris», *Itinerarium*, III (1957), 370-417, 510-607; Luís de MATOS, *Les Portugais à L'Université de Paris entre 1500-1550*, Coimbra, 1950.

17. J. V. Serrão, *Portugueses no Estudo de Toulouse*, Universitatis Conimbrigensis. Studia ac Regesta, Coimbra, 1954.

Montpellier¹⁸, Bolonha¹⁹, Sena, Pádua, Roma²⁰, etc., segundo as possibilidades económicas de que eles dispunham e as respostas que elas davam aos interesses específicos dos candidatos que as procuravam.

Em relação aos estudantes que frequentaram a Universidade de Salamanca, durante o período medieval até 1550, dispomos da citada obra que Joaquim Veríssimo Serrão lhes dedicou, que estamos a utilizar e nos proporciona uma visão de conjunto sobre esta realidade histórica, e vários estudos de Armando de Jesus Marques²¹, que permitem ter uma imagem mais recortada de alguns aspectos da presença portuguesa neste Estudo Geral e até em órgãos centrais do seu governo. Mas se a estes associarmos os róis divulgados por Frei António do Rosário sobre os *Estudantes de Braga [Arquidiocese], em Salamanca, no episcopado de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, 1559-1582*, e por Angel Marcos de Diós intitulado *Inventário de los Bracarenses en la Universidad de Salamanca durante la Monarquía Dual*, tomaremos consciência da grande atracção que esta Universidade exercia sobre a população estudantil portuguesa, tanto durante o período medieval e até 1550 e desta data até à eclosão da Restauração, em 1640, como da enorme influência cultural que, através dos antigos estudantes – inclusive daqueles que não chegavam a graduar-se – exercia sobre a população portuguesa, particularmente, do Norte de Portugal.

Para a primeira parte do período que estamos a estudar, isto é, até 1550, as informações nominais são, é certo, mais limitadas, mas, apesar disso, as informações disponíveis sobre os estudantes desta primeira parte são mais abundantes e consistentes do que em relação aos do segundo período em estudo (1550-1640), sobre os quais, praticamente, apenas conhecemos a procedência geográfica e o curso ou cursos por eles frequentados em Salamanca. Não obstante esta aparente antinomia, temos de reconhecer que, em relação à frequência deste Estudo por alguns portugueses ainda subsistem alguns casos duvidosos. Um dos que mais chamou a atenção foi o do arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente (1374-1397), pois não há certeza se chegou a frequentar esta Universidade, embora o P.^o António Domingues de Sousa Costa admita o facto como provável²².

Em contraste com a informação relativa a este prelado bracarense, sabe-se que, durante o século XV, foram muitos os portugueses que aí se graduaram, chegando a exercer, após o regresso a Portugal, elevados cargos eclesiásticos e nos domínios da cultura. A título de exemplo, recorde-

18. J. V. Serrão, J. V. *Les Portugais. L'Université de Montpellier (XI^{ème}-XVII^{ème} siècles)*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian – Centro Cultural Português, 1970.

19. António Domingues de Sousa COSTA. «Cultura medieval Portuguesa. Nota sobre um Mestre Português em Bolonha», *Itinerarium*, Ano 1, n.º 1 (Jan.-Fev. 1955), 29-37; *Doutrina penitencial do canonista João de Deus*, Braga, 1956; *Um mestre português em Bolonha no século XIII, João de Deus (Vida e obras)*, Braga, 1957; «O doutoramento em Bolonha do secretário de D. João I – Doutor Lançarote, Conde Palatino e Embaixador ao Concílio de Pisa», *Itinerarium*, III (1957), 202-220; «Doutoramento em Leis, na Universidade de Bolonha, de D. João Álvares, Deão de Viseu, depois Bispo de Silves», *Itinerarium*, IV (1958), 342-380; «Estudantes portugueses na Reitoria do Colégio de S. Clemente de Bolonha na primeira metade do século XV», *Arquivos de História da Cultura Portuguesa*, 3, n.º 1 (1969), 1-157; «Portugueses no Colégio de S. Clemente de Bolonha durante o século XV», sep. de *Studia Albornotiana*, 13 (1973), 211-415.

20. Em relação aos estudantes portugueses nestas universidades, vejam-se os diversos volumes e tomos dos *Munimenta Portugalicae Vaticanae* e do *Chartularium Universitatis Portugalensis*.

21. Citamos apenas quatro: «Portugueses nos «claustris» salmantinos do século XV», separata da *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. XIX, fasc. 2 (1963); «Conselheiros portugueses na Universidade de Salamanca (1506-1506)», in *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2.ª Série, vol. 28 (1979-80), 395-420; Idem, em col. com Florencio Marcos RODRIGUEZ, «Um cisma de reitores na Universidade de Salamanca», *Lusitania Sacra. Revista do Centro de Estudos de História Eclesiástica*, tomo VII (1964-66), 61-93; *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares lusos no governo do Estudo – 1503-1512*, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 1980, 369 p.

22. *Portugalicae Monumenta Vaticana*, vol. III/1, Braga, 198.

mos que, em 1479, estudava em Salamanca D. Afonso de Portugal, que, poucos anos depois, em 1485, foi eleito bispo de Évora, onde ficou conhecido como amigo e mecenas da cultura, sendo-lhe também atribuída a autoria dos opúsculos *Tractatus perutilis indulgentiis* e *De Numismate*, este último dedicado a D. Manuel I²³.

Quanto a D. Diogo de Sousa, que foi, sucessivamente, bispo do Porto e arcebispo de Braga, apesar de D. Rodrigo da Cunha não ser explícito quanto a este ponto, tem-se admitido que, depois de ter frequentado os estudos gerais, em Lisboa, onde se encontrava, em 1474, chegou a estudar em Salamanca, antes de rumar para Paris, onde estava, em 1480, tendo passado depois para a Cúria Romana, aí se documentando a sua presença, em 1492²⁴.

Do que, porém, temos a certeza é da sua excelente preparação humanística obtida nas sucessivas estadias nas universidades a que fizemos referência, e do interesse que o animava de criar estudos públicos, em Braga, optando pelo modelo dos colégios de Salamanca, cujo ambiente cultural conhecia, como consta explicitamente da carta dirigida, em 21 de Setembro de 1527, a D. João III, facto que poderá contar a favor da sua estadia, em Salamanca, ainda como estudante. Nessa altura, além dos quatro *Colégios Maiores*, que a cidade do Tormes já possuía – S. Bartolomeu, Santiago, S. Salvador e do Arcebispo (Fonseca, de Santiago de Compostela) –, havia outros, conhecidos pela designação de *Colégios Menores*²⁵, com as vantagens a eles inerentes, evocou também ao monarca o exemplo do que se passava em Florença com idênticas instituições, sendo claramente favorável à criação de um Colégio de Artes em Portugal, a fim de evitar a saída de bolsiros para o estrangeiro, considerando preferível contratar professores que viessem leccionar a Portugal²⁶.

Dado que esta proposta não encontrou receptividade junto do monarca, fundou o Colégio de S. Paulo, posteriormente, confiado por D. Frei Bartolomeu dos Mártires aos Padres da Companhia de Jesus, transformando-se no principal centro de cultura, em Braga, no século XVI²⁷.

Uma vez que, até aqui, mencionámos, apenas, alguns estudantes portugueses em Salamanca, que vieram a ocupar altos cargos na hierarquia eclesiástica, na própria Universidade portuguesa e noutras funções de relevo nacional, devemos identificar, ainda, outros que, na qualidade de *conselheiros* (*consiliários*), tiveram assento nos «*claustrós*» universitários, que constituíam um dos mais importantes órgãos de governo do Estudo Geral salmanticense, isto é, nas reuniões do Reitor com os conselheiros e outros membros da academia. Registe-se, entretanto, que, no seu conjunto, eram oito os *conselheiros* com assento nas reuniões «*claustrais*», sendo dois os *conselheiros* ou representantes por cada uma das quatro «*províncias*» ou grupos de dioceses, previamente determinadas, donde provinham os estudantes nelas integrados e por eles representados. Podemos, assim, dizer que a representatividade dos oito *conselheiros* traduzia, de algum modo, um certo cariz *regional*,

23. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 76.

24. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 77-78.

25. Incluindo alguns instituídos um pouco mais tarde, eram os seguintes: de *Pão e Carvão*, *Santa Maria e de S. Tomás de Cantuária*, *Trillíngue*, *S. Milão*, *S. Pedro e S. Paulo*, *Canizares*, *Santa Maria de Burgos*, *Madalena*, *S. Paio*, *Órfãos da Conceição*, *Santa Cruz*, *Santa Maria da Veiga ou de la Vega* (Cf. *Portugueses no Estudo de Salamanca. I. (1250-1550)*, 124-125).

26. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 121-122.

27. José Augusto FERREIRA, *Fastos episcopais da igreja primacial de Braga (sec.III-sec.XX)*, tomo III, Braga, Mitra Bracarense, 1932, 14-18. A provisão de entrega do Colégio de S. Paulo e dos Estudos anexos aos Padres da Companhia de Jesus tem a data de 27 de Fevereiro de 1561, tendo a tomada de posse pelo 1.º Reitor, Pe. Inácio de Azevedo, ocorrido em 29 de Julho do mesmo ano.

no contexto da antiga *Hispânia*. Dentro desta orgânica, os portugueses integravam-se, como dissemos, na «*província*» ou «*nação*»²⁸ de Santiago de Compostela que, além dos estudantes portugueses, incluía também os das dioceses de: Compostela, Astorga, Orense, Mondonhedo, Lugo e Tui, pelo que um dos seus dois *conselheiros* ou representantes compostelanos, em princípio, era português, sendo o outro oriundo das dioceses galegas, que constituíam o essencial desta «*província*»²⁹.

O reitor da Universidade de Salamanca era eleito, alternadamente, de Leão e de Castela, a não ser que a parte que devia apresentar o(s) candidato(s) a reitor não dispusesse de pessoa idónea para o exercício do cargo, porque, então, o direito de eleger transitava para a outra parte³⁰.

Para além das referências genéricas feitas à presença de estudantes portugueses em Salamanca e das breves notas acerca de alguns antigos alunos que ocuparam cargos de relevo, na Igreja e no Estado, vale a pena divulgar os nomes de mais alguns estudantes que foram eleitos *conselheiros*, participando, activamente, nesse importante órgão de governo da Universidade que era o «*claustro*».

Quem mais atenção prestou, até agora, à participação dos estudantes portugueses neste órgão colegial de governo da Universidade foram Joaquim Veríssimo Serrão, na obra que temos vindo a citar³¹, e Armando de Jesus Marques³², que dedicou três estudos a este aspecto da vida interna da Instituição em dois períodos da história do Estudo salmantino: primeiro, entre 1464 e 1473, e, depois, entre 1503 e 1512, havendo, no entanto, a registar também outro estudo autónomo, consagrado pelo mesmo autor aos *conselheiros* portugueses, de 1505-1506.

Ao longo dos estudos dedicados à presença de estudantes portugueses em Salamanca, não faltam referências à participação de muitos deles nos «*claustros*» deste famoso Estudo. Não está feito ainda o levantamento de todos eles, mas para se ter uma ideia mais aproximada do contributo dos portugueses no governo da Universidade bastará recordar que entre 1464 e 1473, Armando de Jesus Marques inventariou trinta *conselheiros* portugueses nas actas dos «*claustros*», delas tendo extractado informações preciosas, não só para o conhecimento das suas intervenções, mas também para se avaliar da posição académica a que alguns já tinham chegado e do nível intelectual atingido. Observe-se, ainda, que alguns tiveram um significativo *curriculum* social dentro do Estudo e na vida da própria Catedral, de que daremos breves exemplos. Assim, o português Rodrigo Álvares, cónego da Catedral de Salamanca e *conselheiro* pela «*província*» ou «*nação*» compostelana, em 1466, foi proposto e aceito por Vice-Reitor, na ausência do Reitor Álvaro Peres, em 1479. Tendo Bento de Moral vetado outra eleição para *conselheiro* pela *província* de Santiago de Compostela, escolheu o nosso compatriota para as referidas funções, que ele recusou, sob pretexto de que se iria ausentar³³; mas, em 19 de Março do ano seguinte, depois de D. Telo de Buendía, arcediogo de Toledo, licenciado em Decretos, enviado pelos Reis Católicos como visitador comissário para pôr termo ao «*cisma de reitores*», que ensombrou a vida da Universidade, durante a primeira parte do ano lectivo de 1479-1480, ter conduzido o processo de resolução deste grave incidente com muita prudência, os novos *conselheiros* «*eligieron en concordia por rector del Estudio fasta Sant Martin de noviembre primero al canonigo Rodrigo Alvarez*»³⁴.

28. Joaquim Veríssimo Serrão utiliza o termo «*nação*» (cf. *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 75).

29. Armando de Jesus MARQUES, «Portugueses nos “Cláustros” salmantinos do século XV», 8-9.

30. Armando de Jesus MARQUES, «Portugueses nos “Cláustros” salmantinos do século XV», 8.

31. *Portugueses no Estudo de Salamanca. I. (1250-1550)*, Lisboa, 1962.

32. Cf. «Portugueses nos “Cláustros” salmantinos do século XV»; *Conselheiros portugueses na Universidade de Salamanca (1505-1506)* e *Portugal e a Universidade de Salamanca. Participação dos escolares no governo de Estudo (1503-1512)*.

33. Armando de Jesus MARQUES, «Portugueses nos “Cláustros” salmantinos do século XV», 13.

34. A. J. MARQUES, «Um cisma de reitores na Universidade de Salamanca em fins do século XV», 88.

Extenso é também o *curriculum* de Fernão Eanes, entre 1465 e 1473, que, tendo começado, ainda como bacharel em Leis, por ser escolhido para substituir o Doutor Garcia de Burgos, catedrático de Prima de Leis, em 3 de Julho de 1465, em Dezembro desse mesmo ano, substituiu o Doutor de la Rua. Para abreviar, diremos apenas que, tendo falecido o Doutor de la Rua, confiaram-lhe a sua cátedra durante a vacatura, a ela vindo a concorrer com outros, em 31 de Dezembro de 1468, constando da informação do Reitor e conselheiros, datada de 9 de Janeiro de 1469, que «*el bacharel portugues era suficiente para se oponer com los dichos doctores considerada su bedad e qualidad dellos*». Substituiu, depois, o licenciado Bonilla e, em 1472, já figurava como licenciado³⁵.

Percorrendo o rol dos trinta conselheiros portugueses, integrados na «província» ou «nação» compostelana, verificámos que vários deles foram designados para substituírem professores na leccionação das suas cátedras. Apesar do incómodo que possa representar a insistência neste ponto, parece-nos que devemos fazê-lo, atendendo ao generalizado desconhecimento reinante acerca da posição assumida por muitos portugueses na Universidade estrangeira mais próxima de Portugal. Acrescentamos, por isso, mais alguns casos.

Em 30 de Junho de 1467, Gonçalo Fernandes, estudante de Medicina, foi eleito conselheiro para substituir Rui Leitão, durante a sua demorada ausência. Atendendo à sua reconhecida preparação, Mestre João de Salaya, catedrático de Astronomia, em 29 de Julho de 1468, nomeou-o seu substituto, juntamente com Diogo Ortiz de Calçadilha e Pascoal de Castro, sabendo-se que desempenharam a missão com pleno êxito, conforme consta do seguinte testemunho: «*e fueron contentos sus oyentes*»³⁶.

Do elenco de conselheiros ou *consiliários* a que nos estamos a referir, seleccionámos apenas mais dois: Pedro Gomes, bacharel em Leis, que, embora só em 8 de Março de 1480, sob proposta do visitador D. Telo, comissário régio para a resolução do cisma de reitores, viesse a ser eleito representante da província de Santiago de Compostela, a que pertencia, já contava no seu *curriculum* duas substituições do Doutor Martinho de Ávila, em 8 de Julho de 1475, dizendo-se expressamente «*estando leyendo por el*» e, mais tarde, desde 28 de Junho de 1479 até ao fim do ano lectivo, sabendo-se, desta vez, que o fazia na cátedra de Prima de Leis³⁷; e, finalmente, Tomás – de que se ignora qualquer outro nome –, bacharel em Artes, substituiu também duas vezes Álvaro Dias na cátedra de Retórica, em 31 de Julho de 1465 e em 27 de Julho de 1468.

Nesta rubrica dedicada aos *conselheiros*, vários dos quais, antes ou depois de terem desempenhado esse cargo, exerceram também funções docentes, em substituição de professores falecidos ou ausentes, deveremos incluir mais alguns, sem nos determos em pormenores excessivos, embora com o intuito claro de chamarmos a atenção para esse elenco de portugueses, que, por certo, eram os mais prestigiados entre a generalidade dos compatriotas presentes nesta Universidade, na segunda metade do século XV e no primeiro quartel da centúria imediata. Assim, em 1476, foi eleito conselheiro João Pais³⁸. Três anos depois, na eleição de 10 de Novembro de 1479, a escolha caiu em Rodrigo Álvares, cónego da Catedral de Salamanca, que, vendo as graves tensões existentes entre o *conselheiros*, renunciou ao cargo para que tinha sido eleito. Na eleição que, mercê desta renúncia, teve lugar no dia 17 seguinte, ascendeu à condição de conselheiro outro portu-

35. A. J. MARQUES, «Portugueses nos “Claustros” salmantinos do século XV», 15.

36. A. J. MARQUES, «Portugueses nos “Claustros” salmantinos», 16.

37. A. J. MARQUES, «Portugueses nos “Claustros” salmantinos», 17.

38. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 75.

guês, o «presbítero canonista» Pedro Ramos³⁹, facto compreensível, pois tratava-se de escolher um português para integrar a representação da «província» ou «nação» compostelana. Na parte final do *cisma de reitores*, em 18 de Fevereiro de 1480, foi eleito vice-reitor João da Fonseca; em 8 de Março, foi a vez de outro bacharel luso, Pedro Gomes, assumir as funções de conselheiro, cabendo também a um português, o cónego Rodrigo Álvares, a honra de ser escolhido para reitor, contribuindo, assim, para se pôr termo à confusão reinante, na primeira parte desse ano lectivo, mais exactamente, de 10 de Novembro de 1479 a 19 de Março de 1480⁴⁰. Pouco depois, em 1482, surgiu como conselheiro Aires Barbosa, responsável pela introdução do ensino da língua grega nesta Universidade, tal como António Nebrija o havia sido em relação ao latim⁴¹.

Quanto ao século XVI, temos de reconhecer que os estudos de pormenor são mais escassos e nem sequer é possível descer aqui a aspectos tão concretos como fizemos em relação ao século XV. Podemos, contudo, recordar que, para o ano lectivo de 1505-1506, foram identificados cinco conselheiros: Afonso Pires, António de Abreu, Luís Lopes, Fernão Ortiz de Villegas e Aires Ferreira⁴² e que, além destes, outros se encontram dispersos na obra de Armando de Jesus Marques – *Portugal e a Universidade de Salamanca . Participação dos escolares lusos no governo do Estudo – 1503-1512*. Este estudo abrange apenas uma década, mas permite entrever quão importante seria para a história das relações culturais entre Portugal e Espanha, através da Universidade de Salamanca, prosseguir esta obra até ao fim do século XVI ou, pelo menos, tanto quanto a documentação existente o permitir.

Apresentar aqui, apenas, uma simples lista de nomes de conselheiros e mestres portugueses nesta Universidade desvirtuaria o mérito desta obra e apoucaria a intervenção dos nossos compatriotas nas reuniões *claustrais*, quando é certo que, muitas vezes, tomaram posições de firmeza, individuais ou em sintonia com os seus pares, acerca de assuntos da maior importância para a vida da academia e de prestígio para o «claustro» a que pertenciam, as quais deverão ser integradas nos respectivos contextos. A título de exemplo, bastará observar o que se passou na sessão de 30 de Março de 1503, presidida pelo reitor D. Álvaro de Castilha, em que o reitor e os deputados, à margem dos *conselheiros*, pretendiam criar um *síndico* que seguisse os pleitos e causas da Universidade, substituindo o que anteriormente tinha sido criado. Nestas circunstâncias, acabou por prevalecer a posição dos *conselheiros*, que defendiam que essa era uma atribuição sua e do reitor, não havendo, por isso, lugar a qualquer intervenção dos deputados e outras pessoas, que estavam indevidamente na sessão⁴³.

Antes de procedermos a um balanço sobre a presença de estudantes portugueses na Universidade de Salamanca, integrados na «província» de Santiago, durante o primeiro período abrangido pelo nosso estudo, em jeito de nota marginal, gostaríamos de mencionar que, em 1497, Diogo Fernandes, franciscano, natural de Braga, era lente de Prima de Teologia na universidade do Tormes, que, neste momento, polariza as nossas atenções⁴⁴. Ainda no âmbito da Teologia, vem a propósito recordar que, tendo falecido, em 1526, Frei Pedro de Leão, professor da cátedra de Prima de Teologia, concorreram à vaga então aberta, o dominicano Frei Francisco de Vitória e o português

39. *Ibidem*.

40. A. J. MARQUES, «Um cisma de reitores na Universidade de Salamanca em fins do século XV», 88.

41. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 80-81, 107, 151-156.

42. J. V. SERRÃO, *Conselheiros portugueses na Universidade de Salamanca (1505-1506)*, 402, 403, 408, 419.

43. A. J. MARQUES, *Portugal e a Universidade de Salamanca...*, 47-50.

44. A. J. MARQUES, *Portugal e a Universidade de Salamanca...*, 84-85.

Pedro Margalho, que viria a ter posição de relevo, na Universidade de Coimbra⁴⁵. A cátedra disputada foi atribuída a Vitória, prosseguindo a tradição quase secular de estar confiada aos dominicanos, mas o facto de Pedro Margalho ter sido avalizado para entrar neste concurso, permite concluir da sua preparação e real mérito intelectual.

Em relação à primeira metade do século XVI, na impossibilidade de nos determos na apreciação individual dos numerosos estudantes portugueses no Estudo de Salamanca, apraz-nos mencionar os nomes de alguns estudantes que, uma vez regressados a Portugal, exerceram funções de relevo e/ou científicas e culturalmente muito importantes, bem conhecidas por quantos se dedicam ao estudo deste período, pelo que bastará evocar os seus nomes, que ilustram a Universidade de Salamanca, em que se formaram e as instituições que beneficiaram da sua acção e do seu muito saber, tendo merecido muitos deles que os seus nomes ficassem inscritos na história da Cultura portuguesa Quinhentista.

Embora correndo os ricos inerentes à opção subjacente a qualquer selecção, não hesitamos evocar os nomes destes antigos estudantes portugueses que se formaram na cidade do Tormes, entre eles, Aires Barbosa, que, daqui passou para Florença, onde seguiu as lições de Ângelo Poliziano⁴⁶. Tendo voltado a Salamanca, mas agora como docente, aí ficou célebre, como professor de grego, latim e outros aspectos das humanidades clássicas, ascendendo a lente de Retórica, em 1503. Jubilou-se, após vinte anos de ensino efectivo, vindo para Portugal a convite de D. João III. Em 1533, redigiu, em verso latino, o *Antimoria*, que «*constitui um protesto contra a invasão de Portugal pelos ideais do humanismo doutrinário de aquém-Alpes, especialmente na modalidade erasmiana, sem dúvida a mais influente e notória e que mais contrastava com as opções de um humanismo puramente literário*»⁴⁷.

No quadro das relações dos portugueses com a Universidade de Salamanca, temos privilegiado os estudantes, muitos dos quais exerceram funções docentes, uns, apenas, em regime de substituição, podendo ascender, mais tarde, à efectividade de funções docentes, sendo muito ténues os seus laços a este Estudo, na condição de escolares. Tal é o caso de Garcia da Orta⁴⁸, facto que não é relevante, face ao valor da sua obra, nomeadamente, *Colóquios dos simples e Drogas da Índia*⁴⁹.

Parecido com o que se passou com Garcia da Orta é o caso de Pedro Margalho, que, tendo-se formado em Paris, entrou em Salamanca como docente da primeira de Artes, em 1517, passando depois para a cátedra de Filosofia Moral. Constituindo a Teologia a sua formação de base, era natural que aspirasse à docência nesta área e, por isso, o vemos, em 1526, a concorrer com Frei Francisco de Vitória à cátedra de Prima de Teologia, vaga por morte de Frei Pedro de León, concurso que não lhe foi favorável, como acima se disse. Participou na célebre Assembleia de Valhadolid, convocada pelo Inquisidor-Geral D. Alonso Manrique, a fim de se proceder ao estudo da ortodoxia das obras de Erasmo, que teve lugar de 27 de Junho a 13 de Agosto de 1527⁵⁰. Não se vendo muito bem como poderia frequentar o curso de Direito entre 1526-1529, a que alguns se referem⁵¹.

45. *Ibidem*, 172-177. Ver também José Sebastião da Silva DIAS, *A política cultural de D. João III*, vol. I, Coimbra, 1969, 287-297.

46. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 151-152.

47. José S. da Silva DIAS, *A política cultural de D. João III*, vol. I, 215-215 e 220.

48. A data crítica da sua formação é colocada, na obra de SERRÃO, que temos vindo a utilizar, entre 1515 e 1523.

49. J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 164-169.

50. *Ibidem*, 170-177; J. S. da Silva DIAS, *A política cultural de D. João III*, vol. I, pp 287-297

51. J. S. da Silva DIAS, *A política cultural de D. João III*, 289.

Mais segura é a cronologia da vida académica de André de Resende, natural de Évora, que frequentou as universidades de Alcalá, de 1512 a 1517, inteiramente ocupado com o estudo das Artes, e a de Salamanca, para estudar Teologia, de 1518 a 1521 ou 1522. Desta última passou para a de Lovaina e, por fim, para França. De regresso a Portugal, onde foi incumbido da educação literária dos Infantes. Embora não sendo docente universitário, foi incumbido de proferir a célebre *Oratio pro rostris* ou *oração de sapiência*, na abertura do ano lectivo da Universidade portuguesa, em Outubro de 1534⁵², pois a frequência de várias universidades estrangeiras, a preparação que exibiam e a proximidade do monarca colocavam-no em posição de poder chamar a atenção dos responsáveis, docentes e alunos do Estudo Geral de Lisboa, então o único existente em Portugal, para aspectos científicos e pedagógicos, que andavam carecidos de reforma, sem ter de arrostar com a eventual ou generalizada animadversidade dos possíveis visados.

Ligados ao Estudo de Salamanca estão também os nomes de vultos importantes das Letras e da Ciência, em Portugal, no século XVI, que julgamos necessário mencionar: Frei António de Sá⁵³, D. Jerónimo Osório⁵⁴, João de Barros⁵⁵, Frei Brás de Braga⁵⁶, Frei Bernardo de Cruz⁵⁷, Frei Sebastião Toscano⁵⁸, Pedro Nunes⁵⁹, Garcia da Orta⁶⁰ etc., cujas vidas e obras são conhecidas.

Aos dados até agora recolhidos devemos acrescentar o quadro-resumo dos estudantes portugueses em Salamanca, durante a primeira metade do século XVI, organizado por Joaquim Veríssimo Serrão⁶¹, por cursos, da seguinte forma:

Direito Canónico	170 alunos
Direito Civil	306 alunos
Teologia	11 alunos
Medicina	99 alunos
Artes e Filosofia	128 alunos
Religiosos conventuais	35 alunos
Outros estudantes	30 alunos
Total	779 alunos

Nesta primeira fase, deparámos com 779 portugueses, que frequentaram a Universidade de Salamanca até 1550. Se esse número for distribuído por três séculos, proporciona números bastante baixos, para cada centúria. Mesmo assim e porque constituirá um ponto de referência na continuação do presente estudo, convém referir aqui os dados relativos à proveniência geográfica dos

52. *Ibidem*, 353-380; J. V. SERRÃO, *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 177-178.

53. *Portugueses no Estudo de Salamanca*, 156-157.

54. J. V. SERRÃO, *Portugueses*, 178-181.

55. *Ibidem*, 181-182; J. S. da Silva DIAS, *A política cultural de D. João III*, 253-284.

56. J. V. SERRÃO, *Portugueses*, 182-183; J. S. da Silva DIAS, *A política cultural*, 333-337.

57. J. V. SERRÃO, *Portugueses*, 186; J. S. da Silva DIAS, *A política cultural*, 305-311.

58. J. V. SERRÃO, *Portugueses*, 280-281.

59. *Ibidem*, 196-202.

60. *Ibidem*, 164-169.

61. *Ibidem*, 147.

estudantes portugueses, na primeira metade do século XVI, que o mesmo autor conseguiu reunir, apesar da elevada taxa de omissão das localidades de origem, deturpações e conseqüente impossibilidade de identificação de muitas desses lugares, verificadas nos livros de *matrículas*, ao contrário do que acontece na segunda metade da mesma centúria. De acordo com a distribuição pelas quatro zonas, em que o reduzido número de dados recolhidos aconselhou a dividir o reino de Portugal, são os seguintes os números de alunos, procedentes de cada uma:

Minho, Douro e Trás-os-Montes	77 alunos
Beiras Alta, Baixa e Litoral	75 alunos
Extremadura e Ribatejo	57 alunos
Alentejo e Algarve	82 alunos ⁶²
Total	291 alunos

Pelas razões apontadas, o conhecimento da procedência geográfica dos estudantes lusos na Universidade do Tormes é muito limitada, ficando muito longe de atingir metade do número de 779 alunos inventariados, acima referidos.

Creemos, no entanto, que os valores apresentados são deficitários, mercê dos tipos de fontes utilizadas, faltando acrescentar que algumas só mais recentemente começaram a ser exploradas, como acontece com as actas dos «claustrós» e com o *Chartularium Universitatis Portugalensis*. Neste último, transcrevem-se numerosas súplicas de clérigos, relativas a benefícios que desejavam receber e possuir em acumulação ou, pelo menos, assegurar, desde então, em expectativa, alegando os suplicantes, como fundamento e justificação do pedido, que estudaram e, por vezes, até leccionaram, durante vários anos, em Salamanca, e que pretendiam frequentar aí um novo curso ou transferir-se para outras universidades estrangeiras, como Bolonha ou Paris, etc.

Muitas destas súplicas foram retiradas dos *Monumenta Portugaliae Vaticanae*, coligidas e editadas por António Domingues de Sousa Costa, anunciando-se também, noutros casos, a intenção de este ilustre e incansável investigador as publicar em volumes subsequentes dessa mesma obra.

A título de meros exemplos, vamos apresentar, de forma muito abreviada, o essencial de algumas súplicas transcritas no mencionado *Chartularium*..., remetendo para os respectivos volumes e páginas, onde o editor literário indicou as cotas arquivísticas e outros elementos da tradição documental de cada uma delas. Assim:

- 1436, Setembro, 27 – Mendo Peres, subdiácono de Viseu, que estudara Direito Canónico, em Salamanca, suplicava a concessão de um canonicato e prebenda, vagas na Sé de Viseu, porque pretendia continuar os estudos em Bolonha⁶³;
- 1438, Novembro, 14 – Álvaro Vasques, cónego de Braga, que tinha estudado durante dez anos e obtido o grau de bacharel em Direito Canónico, em Salamanca, solicitava dois benefícios incompatíveis, a fim de poder continuar a estudar Direito Canónico e Direito Civil⁶⁴;

62. *Ibidem*, 147.

63. *Chartularium Universitatis Portugalensis*, vol. IV, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1970, 136-137. Nos casos seguintes, citaremos, de forma abreviada, apenas *Chartularium*, vol., e página.

64. *Chartularium*, IV, 208.

- 1439, Fevereiro, 4 – João Fernandes, mestre-escola da Guarda, bacharel em Decretos pela Universidade de Salamanca, pede acumular um novo benefício, não obstante a incompatibilidade inerente à dignidade capitular, que já possuía⁶⁵;
- 1439, Fevereiro, 5 – D. Afonso V dá quitação a Gonçalo Anes, almoxarife da Guarda, do que recebeu e despendeu das verbas do almoxarifado, durante cinco anos, nos pagamentos feitos a favor de Antão Pires e Luís Pires, que frequentavam o Estudo Geral de Salamanca⁶⁶;
- 1459, Abril, 17 – Francisco Flores, franciscano, que estudara Teologia em Salamanca, desejando continuar os estudos nesta ou noutra universidade, suplicou e alcançou de Pio II o indulto de, durante cinco anos, se poder ausentar por dois ou três meses por ano, em serviço de pregação ou para férias, enquanto estudasse em qualquer Estudo Geral ou particular⁶⁷;
- 1459, Agosto, 9 – Vasco Anes de Camões, clérigo da diocese de Évora, bacharel em Decretos, leccionou – «leu publicamente» – nos Estudos de Salamanca e Lisboa, durante mais de três anos, e tendo aceitado benefícios eclesiásticos sem ter ascendido ao sacerdócio, incorreu em penas canónicas, de que foi absolvido pelo prior do mosteiro de Folques, diocese de Coimbra, e pelo deão de Coimbra, para o efeito comissionados por bula de Pio II⁶⁸;
- 1462, Maio, 21 – Gomes Anes Aranha, clérigo da diocese do Porto, que se tinha graduado em bacharel no Estudo de Salamanca e aí leu durante cerca de quatro anos, dirigiu ao Romano Pontífice uma súplica sobre o seu doutoramento a conferir em Portugal, por um doutor em Decretos, assistido por dois ou três doutores em Direito Canónico⁶⁹;
- 1463, Abril, 12 – Jorge Dias, bacharel de D. Duarte de Eça, residente em Salamanca, pede e recebe carta de perdão de D. Afonso V do crime de ser portador de cartas falsas, recebidas em Évora para as entregar a certas pessoas em Lisboa⁷⁰;
- 1465, Agosto, 14 – Diogo Gonçalves, que se tinha doutorado em Decretos, em Bolonha, e tinha ensinado Direito Canónico, durante muitos anos, em Salamanca e em Lisboa, além de muitos outros serviços pastorais prestados à Igreja, pede dispensa ao Papa para possuir duas igreja paroquiais⁷¹;
- 1475, Abril, 10 – Luís Teixeira, cavaleiro da casa de D. Afonso V, estudante de direito, durante vários anos nas Universidades de Lisboa e Sena, suplica ao Papa autorização para se apresentar a doutoramento perante D. Julião, cardeal de S. Pedro *ad Vincula*, gozando, depois, de todos os privilégios da Universidades de Roma, Bolonha, Pádua, Salamanca, bem como das de Lisboa e Sena, que tinha frequentado⁷².

Admitimos que esta dezena de referências a estudantes que, de alguma forma, estiveram relacionados com o Estudo-Geral salmantino possa ser considerada incómoda e até desajustada ao gosto dos eventuais leitores e disso lhes pedimos vénia, mas foi o mínimo a que conseguimos reduzir a amostra pretendida, no sentido de demonstrar que os *Monumenta Portugaliae Vaticana*

65. *Chartularium*, IV, 218-219.

66. *Chartularium*, IV, 217-218.

67. *Chartularium*, VI, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1974, 11-112.

68. *Chartularium*, VI, 129-130.

69. *Chartularium*, VI, 234-235.

70. *Chartularium*, VI, 263-264.

71. *Chartularium*, VI, 342.

72. *Chartularium*, VII, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 283-284.

e o *Chartularium Universitatis Portugalensis* constituem uma fonte imprescindível para o estudo das relações culturais entre a Universidade de Salamanca e Portugal – que não apenas com o Norte de Portugal, âmbito geográfico expresso no título desta comunicação – e, por isso, escolhemos estudantes ou graduados ligados a Braga, Porto, Viseu, Coimbra, Évora e às casas reais de D. Afonso V e a senhorial de D. Duarte de Eça.

Porém, a maior novidade deste pequeno elenco, organizado, apenas, para servir de amostra, reside no facto de o cotejo feito com o inventário apresentado por Joaquim Veríssimo Serrão, na obra que tão útil nos tem sido⁷³, não revelar qualquer coincidência com os dez estudantes ou mestres por nós aqui aduzidos e a situação torna-se ainda mais interessante, se dissermos que no confronto com os trinta conselheiros portugueses presentes nos «Claustros» salmantinos, revelados por Armando de Jesus Marques, só há uma possibilidade de coincidência de pessoas, no caso do bacharel Jorge Dias, que, em 12 de Abril de 1463, residia em Salamanca, já titular do grau de bacharel, e, em 12 de Novembro e 17 de Dezembro de 1464 e 14 de Janeiro de 1465, surge como conselheiro português um bacharel Jorge Dias, que muito provavelmente é o mesmo de 1463. Se a detecção de nove estudantes portugueses ausentes das fontes até agora utilizadas fica como modesto contributo para o conhecimento do longo rol de portugueses atraídos pelo Estudo Geral de Salamanca, veríamos igualmente com agrado se outros fossem também já conhecidos, pois os novos elementos enriqueceriam as suas biografias.

Podemos, por isso, concluir que uma pesquisa atenta, através dos *Monumenta Portugaliae Vaticana* e do *Chartularium Universitatis Portugalensis*, permitirá ampliar o conhecimento do número de estudantes e docentes portugueses na Universidade de Salamanca, especialmente nos séculos XV e parte do século XVI, até 1550, se não tanto sob o ponto de vista numérico, ao menos, numa perspectiva qualitativa.

3. E de 1550 até 1640?

Com as últimas informações do ponto anterior, estamos, de alguma forma, a entrar no essencial desta comunicação, no plano cronológico, mas importa explicitar o tema na dimensão geográfica – o Norte de Portugal –, patente no título.

Pelas fontes disponíveis e ao alcance de todos os interessados, para além de referências a antigos estudantes portugueses na Universidade de Salamanca, ilustres nas letras, na clerezia, na medicina, nas leis, na teorização jurídica, etc., como luminares raros e dispersos no tempo, podemos afirmar que, em relação ao Norte de Portugal e, sobretudo, quanto à Arquidiocese de Braga, dispomos de uma intensidade de informação, concentrada no âmbito cronológico de 1559 a 1640, difícil de sintetizar em poucos minutos. Para maior facilidade na sua abordagem, convém adiantar que a mencionada informação está concentrada em torno de dois períodos bem marcados: o episcopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires (1559-1582) e a monarquia dual ou período filipino (1580/81-1640, cujas facilidades de acesso ficamos a dever aos meritórios trabalhos de Frei António do Rosário, para o primeiro caso, e de Angel Marcos de Diós, quanto à vigência da monarquia dual ou período filipino, lamentavelmente, ambos pouco utilizados.

73. *Portugueses no Estudo de Salamanca*.

Para aquilatarmos da intensidade destas informações, convirá ter presente que no estudo de Veríssimo Serrão, que se estende dos primórdios do Estudo de Salamanca (+/-1242) até 1550, consciente da dificuldade de apurar um número aproximado de estudantes, correspondente a todo este vasto período, dada a dispersão dos elementos recolhidos, limitou-se a apresentar o cômputo possível, entre 1500 e 1550, conseguindo um total de 779, distribuídos pelos diversos cursos aí ministrados e pelas quatro regiões, estabelecidas com intuítos operatórios⁷⁴, como acima referimos.

Continuando a servir-nos destes dados como referenciais importantes para a análise do número dos estudantes do Norte de Portugal em Salamanca, na segunda metade do século XVI, impõe-se assinalar a distribuição dos 779 alunos conhecidos até 1550 pelos diversos cursos leccionados e por eles procurados na vizinha Universidade castelhano-espanhola, que era a seguinte: Direito Civil (Leis) – 306, Direito Canónico – 170, Artes e Filosofia – 128, Medicina – 99, Religiosos Conventuais – 35, Diversos – 30, aparecendo em último lugar a Teologia com – 11 alunos.

A estes números, que se referem a todo o Reino, na primeira metade do século XVI, para o arquiépiscopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, que decorreu entre 1559 e 1582, isto é, sensivelmente, um período de vinte e dois anos, e só para a Arquidiocese de Braga, que não ocupava todo o Norte de Portugal, pois temos de contar com a parte da diocese do Porto, sita a norte do Rio Douro, até ao Ave, e com o primitivo núcleo da diocese de Bragança, amputado à Arquidiocese Primaz, em 1545, podemos contrapor o total de 2.548 estudantes, em Salamanca, procedentes da diocese de Braga e nominalmente conhecidos pelo rol publicado por Frei António do Rosário – *Estudantes de Braga (Arquidiocese), em Salamanca, no episcopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, 1559-1582*⁷⁵. Em complemento desta informação, devemos anotar que o referido paciente investigador não se coíbiu de escrever na nota que antecede o último registo: «*Estamos conscientes de que muitos outros elementos bartolomeanos ainda ficam por recolher neste aspecto da presença de Braga 1559-1582 no estudo salamantino*»⁷⁶. Embora em data um pouco posterior aos limites cronológicos da investigação que estamos a referir ou seja, com data de 1589, inscreveu, sob o n.º 2548, o «*Doctor Sebastian Gomez de Figueiredo, catedrático de Salamanca, lusitano, canonigo de Braga, 1589*», que, posteriormente, foi Reitor do Colégio de S. Pedro ou Seminário Conciliar de Braga, sabendo-se que nasceu em Aveloso e faleceu em Lisboa, em 1611⁷⁷.

Antes de prosseguirmos, impõe-se, ainda, esclarecer que a afirmação em que o autor considera a recolha dos nomes dos estudantes bracarenses incompleta está plenamente fundamentada no facto de, em alguns casos, os registos das *matrículas* serem omissos quanto à menção da diocese de origem e, sobretudo, porque faltam os livros de *matrículas* dos anos de 1569-1570 e de 1580-1581, o que significa, de forma inequívoca, que o número global e a média anual acima indicados têm de se considerar válidos, é certo, mas por defeito, pois a realidade seria bastante superior.

Podemos, assim, afirmar que, durante os 22 anos do governo pastoral do *Bracarense*, como era conhecido no Concílio de Trento, se regista uma média anual de 115 estudantes conhecidos, oriundos da Arquidiocese de Braga, *matriculados* na Universidade de Salamanca: presbíteros, clérigos e leigos, distribuídos pelos diversos cursos aí ministrados. Sublinhámos *matriculados*, porque a presença anual de bracarenses, entrando em linha de conta com os que frequentavam os anos

74. *Ibidem*, 145 e 147, respectivamente.

75. Fr. António do ROSÁRIO, *Estudantes de Braga (Arquidiocese), em Salamanca, no episcopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, 1559-1582*, Porto, Movimento Bartolomeano – Arquivo Histórico Dominicano Português, 1977.

76. *Ibidem*, 77.

77. *Ibidem*, 77.

seguintes e os que faziam um segundo curso era, necessariamente muito superior. Alguns destes estudantes – simples clérigos e até leigos – viriam a ascender ao presbiterado ou a entrar em religião, após os estudos universitários. Muitos outros, cujo número é impossível definir, regressariam aptos a seguirem a carreira profissional para que se haviam preparado.

Feitas estas considerações prévias, apreciemos a distribuição destes mais de dois milhares e meio de estudantes pelos cursos das suas preferências, no conjunto dos vinte e dois anos do governo pastoral de D. Frei Bartolomeu dos Mártires e a média anual de alunos que frequentavam cada curso:

Estudantes	Totais	Média anual
Canonistas	882	40
Legistas	135	6
Teólogos	168	7,6
Médicos	49	2,2
Artes	241	10,9
Gramáticos	1028	46,1
Diversos	15	0,68
Total	2518	–

A análise deste número de 2518 estudantes na sua totalidade absoluta, correspondente aos vinte e dois anos do governo pastoral de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, representa um aumento de mais do triplo, em relação ao número de 779 estudantes, apurado para o período de 1500 a 1550, mas representaria mais do sextuplo, se a proporcionalidade se mantivesse ao longo de toda a segunda metade do século XVI. Acontece, porém, que estes números, apesar de serem considerados deficitários pelos motivos indicados, proporcionam leituras qualitativas, susceptíveis de interpretações cheias de interesse, quando comparados com os valores numéricos relativos a cada curso, na síntese relativa ao período de 1500-1550, como passamos a expor [ver quadro na página ao lado].

A leitura deste quadro, por mais superficial que seja, chama logo a atenção para as suas profundas variações numéricas, a começar pelos estudantes de Cânones, que, de 170 na primeira metade do século XVI, quintuplicaram no período bartolomeano (1559-1582). Em contrapartida, o número de estudantes Leis ou Direito Civil, no tempo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires ficou reduzido a menos de metade dos conhecidos até 1550; por seu turno, os estudantes de Teologia de 11, na primeira metade do século XVI, passaram para 168, durante o governo bartolomeano, tendo os escolares em Medicina passado de 99, no primeiro período, para 49, isto é, uma redução de mais de 50 % nos vinte e dois anos do segundo período. Verdadeiramente espectacular foi aumento dos que optaram pelas Artes e Filosofia, que de 128 passaram para 1208, correspondente a oito vezes mais, não tendo correspondência no segundo período a rubrica de Religiosos e Conventuais e ficando reduzida a menos de metade a de Diversos.

Perante esta oscilação dos números que acabamos de registar, parece-nos que é fácil compreender os aumentos, em função dos interesses e necessidades da Igreja de Braga, na fase de reno-

Estudantes	1500-1550 Todo o Reino	1559-1582 Arquid. de Braga	1580-1640 Arquid. de Braga
Canonistas	170	882	? ⁷⁸
Legistas (=Direito Civil)	306	125	?
Teólogos	11	168	?
Médicos	99	49	?
de Artes e Filosofia	128	1028	?
Religiosos e Conventuais	35	–	?
Diversos	30	14	?
Totais	779	2518	2096

vação estimulada pelas decisões doutrinárias e disciplinares emanadas de Trento, cuja aplicação em Braga muito deve à acção apostólica, disciplinar e de verdadeira reforma eclesial, conduzidas pelo agora Beato D. Frei Bartolomeu dos Mártires. Do mesmo modo, mas ao contrário, se pode explicar a notória quebra de interesse pelo estudo do Direito Civil (Leis) e da Medicina, em função das proibições e restrições impostas ao clero, quanto à prática forense e ao exercício da Medicina, sem excluirmos outros aspectos que, eventualmente, hajam contribuído para esta inversão de valores numéricos, tanto no sentido do acréscimo, como da retracção dos números apontados.

Para o período da monarquia dual não é fácil obter, mesmo por aproximação, números relativos à frequência dos cursos do Estudo Geral de Salamanca, porque, além de a ordenação do inventário dos alunos que, entre 1580/81 e 1640, frequentaram esta Universidade estar organizado por ordem alfabética e não por anos, há inúmeros casos em que o mesmo aluno se inscreve, sucessivamente, em vários cursos, às vezes, no mesmo ano. Acresce que as enormes diferenças entre a primeira e a segunda metades do século XVI deve-se, possivelmente, à falta de registos, mas, apesar disso, os números relativos, apenas, à Arquidiocese de Braga não podem deixar de impressionar e de levantar algumas interrogações:

Até que ponto o Arcebispo patrocinou estes estudantes?

O seu biógrafo, Frei Luís de Sousa, fala das esmolas que dava aos estudantes, sendo maiores aos mais necessitados, mas a política de esmolas não parece suficiente para assegurar e desenvolver, durante anos, tão vasto movimento, rumo a Salamanca.

É certo que entre os canonistas um significativo número eram presbíteros e clérigos e as atenções do prelado iriam para eles e para os teólogos e frequentadores da Artes, indispensáveis para a Teologia e para o bom exercício da pastoral.

Se a tudo isto associarmos a acção das aulas de *Casos de consciência*, teremos uma visão aproximada do esforço do Arcebispo na preparação intelectual do seu clero, contando também com a acção do Seminário Conciliar, fundado em 1572. Se estes números nos permitem conhecer melhor

78. Os pontos de interrogação patentes nesta coluna, à frente das várias rubricas, devem-se ao facto de, para o período da monarquia dual, não dispormos de dados sectoriais para cada uma delas, conhecendo-se, apenas, o número global de estudantes, que sobe a 2096.

a relação entre a Universidade de Salamanca e o Norte de Portugal, incluindo a diocese de Bragança, que não consta nestes números, entrando em linha de conta com a procedência geográfica nortenha dos estudantes, é indispensável reconhecer quanto o Norte de Portugal, como as dioceses e a sociedade civil ficaram a dever a esta Universidade.

Tanto no inventário de Frei António do Rosário, como no de Angel Marcos de Dios, ambos de 1977, quem conhece a região não pode deixar de admirar como dos mais recônditos lugares do Alto Minho às zonas de Bragança, Vila Real, Chaves, Caminha, Braga, Famalicão, Guimarães, Vieira do Minho, Barcelos, Ponte de Lima, Monção, Arcos de Valdevez etc., às terras quase ignotas para muitos, como Covas, Águas Revéis, Ganfei, Gondufe (Melgaço), Jolda (Arcos de Valdevez) Loivos (Loybos), Cerveira, Celeirós, Cabril, etc., etc., saíram estudantes para Salamanca.

A mancha geográfica é tão apertada que é impossível cartografar todas estas terras.

Chegados ao termo da nossa exposição, deveremos, ainda, interrogar-nos sobre as motivações e os condicionalismos que inclinavam tantos portugueses a preferiram a Universidade de Salamanca para aí estudarem e se graduarem, tanto em ciências eclesiásticas como profanas. A pergunta não é nova, tendo-a já formulado os diversos autores que utilizámos, como verdadeiros cireneus, em particular, nos tempos mais recentes, Frei António do Rosário⁷⁹ e D. Angel Marcos de Dios⁸⁰, tentando de seguida, sobretudo o último, dar as explicações consideradas mais pertinentes, em que a proximidade, a degradação a que alguns cursos ministrados em Coimbra tinham chegado, as facilidades inerentes ao *bilinguismo*, então corrente nos meios cultos portugueses e espanhóis, e o receio de cair nas malhas da Inquisição ocupam os primeiros lugares, etc.⁸¹ Sem rejeitarmos globalmente estes e outros argumentos, pensamos que alguns deles carecem de alguma matização, por exemplo, quanto ao tópico da Inquisição face aos cristãos-novos, sendo necessário proceder, previamente, à inventariação específica dos portugueses que cursavam Medicina e apurar da sua inequívoca descendência judaica. O mesmo conviria aprofundar quanto à atracção provocada pelas invocadas facilidades na concessão dos graus na vizinha cidade do Tormes e, a partir de 1581, o reconhecimento automático da plena correspondência dos graus alcançados em Salamanca pelos naturais da diocese de Miranda, como se tivessem sido obtidos em Coimbra.

4. Conclusão

Ao longo deste estudo, tivemos sempre presente o notável contributo que a presença de estudantes e mestres portugueses na Universidade de Salamanca deu ao intercâmbio cultural luso-castelhano, no período medieval, e luso-espanhol, a partir do século XVI. Embora a nossa atenção se tenha fixado, em especial, nos séculos XV-XVII, não quisemos olvidar os tempos anteriores, tendo verificado que, nos primórdios deste célebre Estudo Geral, já aí deparamos com alguns portugueses, que viriam a ocupar lugares preponderantes na vida da Igreja e da Cultura em Portugal, acentuando-se este segundo aspecto nos finais da Idade Média e, sobretudo, nos séculos XVI e XVII, até 1640. Se para o período medieval os dados relativos a portugueses que frequentaram esta Uni-

79. *Estudantes de Braga (Arquidiocese) em Salamanca*, p. 2.

80. *Inventário de los Bracarenses en la Universidad de Salamanca durante la Monarquia Dual*, 3-6.

81. *Ibidem*.

versidade são mais escassos, a ponto de os podermos tratar como dados qualitativos, desde o início de Quinhentos a situação vai-se alterando, a ponto de, embora incompletos, servirem de referência contrastante com os dados mais abundantes dos tempos posteriores a 1550.

Na segunda metade do século XV e no primeiro quartel de Quinhentos conhecemos algumas dezenas de portugueses que participaram activamente nos «Claustros» desta Universidade, como representantes dos seus compatriotas, mas integrados na *«provincia»* ou *«nação»* de Santiago de Compostela. Por certo, outros houve, antes e depois desse período, que um estudo sistemático revelará.

Há, contudo, dois aspectos que nos apraz salientar na vida de muitos dos nossos compatriotas, sendo o primeiro a frequência com que alguns estudantes portugueses, pelo menos, titulares do grau de bacharel, eram convidados para a substituírem temporariamente docentes impedidos de leccionarem, não faltando também aqueles que concorreram a cátedras vagas, o que basta para traduzir a grande preparação científica que lhes era reconhecida, mesmo que nem sempre saíssem vencedores de tais concursos. Mencionámos, mais acima, alguns desses casos e, agora, desejamos também recordar um conjunto de *conselheiros* e *docentes* em Salamanca, que sobressaíram na Universidade de Coimbra, como Aires Barbosa, Pedro Margalho, Garcia da Orta, Pedro Nunes e muitos outros, que, assim, reforçaram os vínculos culturais entre estas duas Instituições de ciência e cultura, de que os estudantes portugueses em Coimbra, sem dúvida muito beneficiaram. Mas a influência da Universidade de Salamanca fez-se sentir mais intensamente no Norte de Portugal e, em particular, na antiga Arquidiocese de Braga que, durante os vinte e dois anos do arquiépiscopado de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, averbou mais de 2548 bracarenses que estudaram e alguns até leccionaram em Salamanca, sabendo-se que, embora em menor número, no decurso da Monarquia Dual até à eclosão da Restauração, por lá passaram mais de dois milhares de Bracarenses, muitos dos quais se graduaram em Cânones, Leis, Teologia, Medicina, Artes, etc., não deixando de, na vida eclesiástica ou nas profissões liberais a que muitos se entregaram, utilizarem e beneficiarem da preparação científica e cultural nesse estudo recebida.

Temos consciência de haveremos respigado nas obras de outros investigadores deste tema, apenas, um conjunto de notas, a que pouco acrescentámos de original. Mesmo assim, cremos ter chamado a atenção para a estreita e intensa relação do Norte de Portugal com a Universidade de Salamanca, que foi uma das mais importantes da Europa, onde se formaram e donde vieram para Coimbra, não só portugueses, depois de aí terem leccionado, mas também mestres consagrados do Reino vizinho, que deixaram profundas marcas da sua docência na cidade do Mondego.

Não esteve ao nosso alcance aprofundar, convenientemente, este estudo apaixonante, nem conhecer o itinerário profissional e eclesiástico de muitos deles, após o seu regresso, apesar de termos restringido o nosso campo de análise ao Norte de Portugal, que, tal como dissemos, maioritariamente, coincide com a Arquidiocese de Braga. Através dos seus antigos arquivos, agora conservados no Arquivo Distrital de Braga, integrado na Universidade do Minho, poder-se-ão dar passos seguros no conhecimento dos itinerários de muitos antigos estudantes portugueses em Salamanca, percorrendo os núcleos das *Inquirições de genere, vita et moribus*, dos *patrimónios*, os livros de *concursos* e, eventualmente, os livros de *mostras*, dos que se ordenaram e exerceram o sacerdócio nesta Arquidiocese.

A intenção inicial era deixar uma pequena marca de originalidade neste estudo, mediante uma primeira exploração das fontes que acabamos de referir. Não foi possível e o espaço esgotou-se.

Deixamos, contudo, estas sugestões e pistas de investigação, com a consciência de que o nosso homenageado, que tão ligado está à Universidade de Salamanca, merece muito mais.

